

A IGREJA E A REFORMA AGRÁRIA NO BREJO PARAIBANO (DÉCADA DE 80-90)-

Francisco Fagundes de Paiva Neto - UEPB, Campus III

chicofagundes@gmail.com

O catolicismo social expandiu-se em todo mundo com o fim da II Guerra Mundial, chegando ao Brasil nos moldes da Ação Católica francesa. Os esforços iniciais no sentido de concretizar núcleos populares, que associavam na sua prática cotidiana a fé com a mobilização por direitos sociais, tiveram início na década de 60, representando um meio para expansão da Teologia da Libertação.

No estado da Paraíba -anos 60- a questão agrária ganhou uma dimensão nacional devido a presença das Ligas Camponesas, mas a partir do golpe de 64 a participação política dos camponeses manteve-se num âmbito restrito ao sindicalismo rural. Após a essa fase, os movimentos camponeses emergiram no sentido de luta pela reforma agrária, através das CEBs e da CPT.

Neste trabalho, avaliamos o papel desempenhado pela CPT de Guarabira e, sobretudo pelo padre Luigi Pescarmona junto aos trabalhadores rurais dos municípios do brejo e do agreste paraibano.

O padre Luigi Pescarmona e da CPT na luta pela reforma agrária (década de 80-90)

O padre Luigi nasceu na cidade de Canale d'Alba -norte da Itália, que foi palco da atuação política do operariado por meio do sindicalismo, através da Central Geral Italiana dos Trabalhadores (CGIL). A tradição socialista do norte italiano representou uma forte oposição a Mussolini pelos *partigiani*, guerrilheiros antifascistas.

Na Itália os antifascistas contaram com alianças entre católicos e comunistas. A militância dos padres e a resistência armada geraram na formação de Luigi o desejo de se tornar padre, mas com uma preocupação com as questões sociais, pois desde a infância havia presenciado as lutas dos trabalhadores. Ingressou no seminário na década de 50.

A sua formação sacerdotal foi contemporânea ao fim da IIGM e do Concílio do Vaticano II (1962-65). O padre Luigi veio ao Brasil em 1966 realizar o seu trabalho, após ser convencido por um bispo de Teófilo Otoni (MG), participante do Vaticano II. No Brasil, percebeu a exclusão social durante a viagem para Teófilo Otoni, devido a presença dos latifúndios improdutivos. Em Minas Gerais, a expulsão dos camponeses e as migrações para a região Norte e para o Maranhão criaram vazios populacionais. Na área de garimpo, os ganhos dos trabalhadores eram poucos e a cidade de Teófilo Otoni enfrentava problemas sociais. Nessa fase a sua participação política ficou restrita às passeatas promovidas pelos estudantes contra o regime -anos 60-, motivando a reação dos jornais conservadores sobre a presença de “*padres de passeata*” nas manifestações.

As reuniões de Medellín (1968) e Puebla (1979) renovaram a mentalidade do clero brasileiro numa fase em que a ditadura militar perdia a legitimação (a crise do petróleo; a inflação e a reação do movimento sindical no ABC paulista; a rearticulação das entidades de classe e dos movimentos sociais).

A transferência do padre Luigi para Guarabira se deu na época em que D. José Pires, bispo de João Pessoa, e D. Marcelo, bispo de Guarabira, mantinham um espaço de resistência às mudanças do ITER no período de D. Cardoso. Conforme nos relatou padre Luigi os bispos: “Ficaram satisfeitos com a minha disposição e as nossas conversas versaram a respeito da questão dos direitos humanos e de pastoral rural, por meio da CPT (Comissão Pastoral da Terra)”. Diante desse contexto,

lembro que em 1979 eu já apresentava a Dom Marcelo um mapa da diocese num isopor, marcando várias comunidades com alfinetes de cabeças coloridas: amarelo, verde, vermelho, negro e azul. Eram cinco níveis, que marcavam visualmente a situação da paróquia da catedral de Guarabira, junto com Araçagi, Pilõeszinhos, Cuitegi, Alagoinha. Então, apresentei dentro de dois anos, 79 e 80, este mapa visual, que havia o nome do lugar, o alfinete e a legenda, que trazia um diagnóstico da situação. Suponhamos: comunidade onde só havia terço, novena, festa de padroeiro; comunidades que, além disso, se reuniam para discutir os problemas locais; comunidades onde havia discussão e enfrentamentos de problemas e exigências, com reuniões e mobilizações; e, por fim comunidades que eram abertamente envolvidas com a questão trabalhista, agrária ou a questão da mulher, e por isso eram pontuadas com uma cor mais forte, o vermelho. Então essas cores demonstravam que

uma dada comunidade estava ligada a um ou a outro aspecto [...] Mas, foi um tempo em que conseguimos, mesmo com poucos padres, dar um caráter de base na Diocese. Eu me lembro que não havia padres brasileiros, exceto dois: o padre Epitácio, de Serra da Raiz e o padre Joaquim, de Araruna. Os outros padres que haviam aqui eram *mercado comum europeu*, porque tinha quatros holandeses, um francês, um belga, dois italianos, um alemão, só para se ter uma idéia da situação. Então, padre Cristiano, padre Celestino, padre Leonardo nos ajudaram a dar uma visão bem popular à Igreja. E nós tínhamos na Paraíba a preocupação de que cada comunidade tivesse integrada num tripé: comunidade-sindicato-partido. A formação de um grupo de famílias, chamado comunidade, alia a parte de fé (a catequese, a Bíblia, conhecimento dos evangelhos) com a discussão dos seus problemas sociais. Por isso, é fundamental a idéia da comunidade assentada num tripé (Padre Luigi)ⁱ.

Através do diagnóstico, medidas foram tomadas para auxiliar os camponeses, que tinham uma “cultura de resistência”. O padre Luigi se manteve afastado do sacramentalismo para vivenciar uma prática comunitária:

A paróquia é uma instituição, um centro que distribui serviços: batistérios, casamentos, pregação, catequese. Por isso, é vista como um centro de distribuição de pastorais, de serviços. Mas que a comunidade é autônoma. A paróquia seria a uma rede de comunidades, autônomas, independentes, vivas, que se encontravam divulgando uma a uma essa união. **Se a vida no dia-a-dia seria uma rede de comunidades, o padre era aquele que não impunha uma solução, mas encontrava os trabalhadores, os coordenadores para realizar diálogos e encontrar soluções para problemas.** A comunidade nasce por própria conta e o padre vai acompanhá-la. Tanto que Medellín me inspirou a não querer mais a paróquia, e sim realizar um trabalho mais livre, mais próximo do povo e não ficar preso a instituições tão antigas como uma paróquia. Porque quando nós trabalhamos com a comunidade, percebemos que ela representa um avanço enorme sobre a paróquia [...] A formação de um grupo de famílias, chamado comunidade, alia a parte de fé (a catequese, a Bíblia, conhecimento dos evangelhos) com a discussão dos seus problemas sociais. Por isso, é fundamental a idéia da comunidade assentada num tripé. (Padre Luigi Pescarmona, grifos nossos).

O depoimento do padre Luigi nos permite perceber a importância da memória como uma herança, decorrente das socializações política e histórica dos indivíduos e das classesⁱⁱ. A memória constitui um sentimento identitário, que suscita a subversão de uma prática religiosa restrita ao templo para uma prática que se relaciona com os problemas cotidianos da comunidade, opção que significa nos rincões do Brasil um afastamento em relação aos latifundiários e uma aproximação com os camponeses. Não é a toa que D. Hélder Câmara enfrentou tanta oposição por parte dos latifundiários e seus aliados. E os camponeses de

igual modo, quando narram ou transmitem as experiências vividas dos antepassados empreendem, mesmo que inconscientes, uma ação de se tornarem herdeiros dos acontecimentos marcantes da sua classeⁱⁱⁱ. Nesse sentido, nos fundamentamos na noção de classe como experiência social:

Por classe, entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência. Ressalto que é um fenômeno histórico. Não vejo a classe como um 'estrutura', nem mesmo como uma 'categoria', mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada nas relações humanas^{iv}).

O diálogo dos clérigos simpáticos a teologia da libertação com os trabalhadores do campo e da cidade foi profícuo graças ao fato de se considerar como eixo dessa perspectiva a figura do Cristo, libertador dos homens do pecado e de todas as suas conseqüências, inclusive as injustiças. Por isso, ao se narrar a libertação dos hebreus do cativeiro no Egito e a sua marcha para a Terra Prometida, o Êxodo assume a imagem bíblica da mensagem da salvação. Assim o sagrado não é algo distinto da história da humanidade ou superposto a ela, mas intervenção de Deus. Um outro elemento importante da teologia da libertação é o método de análise marxista. Conforme nos foi narrado: "A minha prática na Paraíba foi virtuosa na minha trajetória, pois já havia lido todos os livros da Teologia da Libertação, podendo a partir de então praticar tudo aquilo que estudei" (Padre Luigi Pescarmona).

As experiências de luta pela cidadania

O contexto de exclusão social na mesorregião do Agreste e do Brejo paraibano fez brotar um diálogo entre o clero vinculado a teologia da libertação e os trabalhadores rurais, inclusive em Guarabira, uma cidade de porte médio. Podemos apresentar uma série de medidas que contribuíram para a luta pela terra:

a) Práticas de educação de jovens e adultos: a partir de 1977 esse trabalho foi desenvolvido pela Irmã Maria Rezende e por um grupo que tinha inspiração freireana. Ademais, havia a ainda a realização de cantos que formavam uma concepção de mundo diversa do mero entretenimento.

b) Fundação do Centro de Proteção aos Direitos Humanos e da Pastoral Rural e do Centro de Direitos Humanos em Guarabira: o trabalho foi desenvolvido de 1977 a 1981. A Pastoral Rural durou de 1981 a 1983, quando virou CPT, momento em que foi abandonado o nome local Pastoral Rural e adotado nome CPT. A mudança ocorreu devido a saída de D. Hélder Câmara e a posse de D. José Cardoso na Arquidiocese de Recife e Olinda (1985). Este fato trouxe um problema, pois a prática de D. Hélder era voltada para as classes populares e com a chegada de D. José tudo mudou de feição, deixando as CEBs órfãs.

c) A realização de plantios de mandioca e feijão para justificar perante o Instituto Nacional de Reforma Agrária (INCRA) a posse da terra pelas famílias, há muito instaladas numa área na condição de meeiros, que com a morte do proprietário eram expulsas pelos herdeiros, sem a garantia de nenhum direito. A mandioca era sempre mantida e pouco consumida, devido ao seu poder simbólico que remetia a idéia de sedentarização, enquanto o feijão era consumido pelos agricultores sem-terra.

d) Formação de oposições sindicais: forma de livrar os sindicatos dos “pelegos”. A atuação sindical possibilitaria a concretização do tripé da cidadania: comunidade-sindicato-partido.

e) Manifestações para sensibilizar a opinião pública: acampamentos e romarias da terra. Destaque ao acampamento dos trabalhadores da fazenda Gomes (1996) diante do Palácio da Redenção, quando o padre Luigi acusou o governo da Paraíba por haver cometido um “terrorismo de estado”, por ter desalojado famílias na madrugada e por tê-las conduzido para uma unidade da CAGEPA (Companhia de Água do Estado da Paraíba), em João Pessoa.

f) Publicidade: programas de rádio, em que eram desenvolvidos debates públicos com os próprios latifundiários; manutenção de dois programas voltados para a uma perspectiva cristã comunitária, sendo um mais voltado para as questões sociais e outro para as questões da crença cristã no tempo presente.

g) Combate à migração: A Campanha da Fraternidade (1980) teve um tema relacionado a migração. A Diocese de Guarabira promoveu um encontro no Rio de Janeiro entre os

migrantes e os seus parentes do agreste paraibano como forma de demonstrar as dificuldades dos trabalhadores sem qualificação em uma metrópole. Além disso, pode-se destacar a construção de açudes de cisternas para fixar o homem a terra.

h) Formação de uma rede de informações para evitar violências contra os membros da CPT e contra os agricultores sem-terra. Os camponeses eram informados sobre a movimentação das tropas, fato que permitia a saída estratégica de áreas quando havia um deslocamento de policiais militares para uma desocupação. Evitava-se a violência das tropas, bem como a rápida reocupação quando a soldadesca partia.

i) Luta pelo cumprimento dos direitos trabalhistas dos canavieiros: medida tomada junto a sindicalista Margarida Maria Alves, em Alagoa Grande (PB), de 1978 a 1982. A CPT de Guarabira acompanhou a trajetória da líder sindical até a sua morte no dia 12 de agosto de 1983 em Alagoa Grande.

j) A “greve dos padres”: como protesto as atividades clericais da Diocese de Guarabira (1985) foram suspensas, em repúdio a prisão arbitrária de um membro da CPT na cidade de Araruna. Após a forja de uma carta precatória que incriminava o padre Luigi, um militante da CPT foi detido sem acusação formal, ficando preso 38 dias. Tratou-se de um conluio do juiz de Araruna, Janduí Fernandes, e de um latifundiário local, Edmundo Macedo, proprietário da fazenda Varelo de Baixo.

k) Lançamento de candidaturas ligadas aos interesses populares. Assim:

Na época em que surgiu o PT (Partido dos Trabalhadores) nós não conhecíamos ainda muita coisa sobre os seus representantes locais, mas as propostas do partido nos traziam um alento. O PT tinha propostas muito próximas às nossas. Então quando pensávamos numa representação partidária, pensávamos que a nossa representação no governo seria através do Partido dos Trabalhadores. Tanto que caímos também numa falha, que na época não apareceu, contudo, posteriormente, fizemos uma autocrítica. Caímos num basismo. Nós na primeira eleição que aconteceu, nós colocamos gente nossa mesmo, das áreas de conflito, como candidato a senador, a deputado.

Considerações finais

A atuação do padre Luigi refletiu junto aos trabalhadores a construção de um diálogo entre a Igreja e uma classe com diversos níveis de experiências sociais, resultando nas

estruturação de cerca de 40 assentamentos nas mesorregiões do Agreste e do Brejo paraibano. Os camponeses também vivenciaram situações de confronto com o poder instituído sem fazer uso da violência, mesmo quando agredidos pela Polícia Militar paraibana ou pelos pistoleiros/capangas a soldo do latifúndio. A perspectiva cristã impediu o revide dos camponeses. Some-se ao fato a orientação estratégica dos membros da CPT, de que era melhor ser vítima que agressor. A resistência nas áreas era semelhante as táticas de guerrilha, porém sem a utilização de armas. Assim, consideramos - em detrimento de movimentos sociais rurais da década de 80, pautados pela ação direta de saques ou invasões (arquétipo das manifestações dos séculos XVIII-XIX) em que a multidão não encontra correspondência com a ordem pública e atua nos quebra-quebras, fazendo a “negociação coletiva através da arruaça”^{v-}, que a dimensão da participação política foi baseada por princípios democráticos, quer através de romarias da terra, do plantio de roças ou de acampamentos (1996) sem confronto com a PM, bem como da organização das CEBs, dos movimentos de categorias como a das domésticas (Movimento das Mulheres Trabalhadoras), dos sindicatos e do partido, o Partido dos Trabalhadores.

O padre respondeu dezenas de processos, inclusive um de expulsão, que foi movido pelos proprietários rurais representados pela ASPLAN, pela FAEPA (Federação da Agricultura do Estado da Paraíba) e outros órgãos patronais relacionados a UDR (União Democrática Ruralista) que visavam impedir a reforma agrária. O processo de expulsão, baseado na Lei de Segurança Nacional, findou em 1997, sendo suspenso pelo ministro Íris Rezende.

O padre Luigi^{vi} presenciou durante a sua militância na CPT cenas de assassinatos, torturas, prisões ilegais, além de ter escapado ileso de várias emboscadas. Não fraquejou nas suas metas e refletiu com sabedoria: “É isso, interessa-me falar do que eu sei que não está nos livros da história oficial. Interessa-me falar dessa gente: Chiquinho, Tota, Zé Bento, Margarida, Zé Rufino que estavam anonimamente fazendo história...” (Padre Luigi Pescarmona).

NOTAS:

ⁱ **Entrevistas realizadas** (1^o. e 2^o. semestre de 2004): Padre Luigi Alberto Pescarmona, 67 anos, Coordenador da CPT (Guarabira).

ⁱⁱ POLLAK, Michel. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, 5, 10, 1989

ⁱⁱⁱ CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Lisboa: Celta, 1993.

^{iv} THOMPSON, E. P. *A formação social da classe operária inglesa*. Volume I: A árvore da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

^v HOBBSAWM, Eric J. *Os trabalhadores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. Ver: THOMPSON, E. P. La economía moral de la multitud em la Inglaterra del siglo XVIII. IN: *Tradición, revuelta y consciencia de clase*. 3. ed. Barcelona: Editorial Critica, 1989.

^{vi} Sobre o padre Luigi Pescarmona:

CASO LUIGI PESCARMONA: FEDERAL PEDE PERMISSÃO PARA INICIAR PROCESSO DE EXPULSÃO. *O Norte*, 19/10/1997.

MOREIRA, Emilia; TARGINO, Ivan. *Capítulos de geografia agrária da Paraíba*. João Pessoa: Editora Universitária, 1997.

NA PORTA DA SAÍDA. *A Semana*, João Pessoa: Gráfica Moura Ramos, Ano 2, N.68, 1-8 de setembro de 2000, p. 23-25.

FARIAS, Vanderlan. Luigi Pescarmona: “Fui pré-julgado pela PF”. *O Norte*, Política, Domingo, 9 de novembro de 1997, p. 7.

PARAÍBA: MINISTRO SUSPENDE AÇÃO CONTRA PADRE. *Folha de São Paulo*, 31/10/1997.